

da especialização, de modo a contribuir para a formação de profissionais aptos a preencherem os espaços ainda vazios desse grande mercado.

Não é transferindo a responsabilidade do fracasso para os clientes ou à crise econômica do país que o médico veterinário ganhará seu lugar ao sol, mas sim investindo em sua qualificação para atingir um futuro promissor.

### Informações para imprensa

- ◆ Fundamento RP:  
www.fundamentorp.com.br | (11) 5095-3866
- ◆ Cibelle Santos  
csantos@fundamento.com.br | (11) 5095-3863
- ◆ Ana Amaral  
aamaral@fundamento.com.br | (11) 5095-3866 ■

## Por que o médico veterinário deve estudar o comportamento dos animais?

por Luiza Cervenka de Assis

Diagnosticar, examinar, prescrever, orientar, indicar são tarefas da rotina do médico veterinário clínico. Com tantas atribuições e responsabilidades, agora há mais uma: o estudo do comportamento animal. Mas será que isso é realmente necessário? Fará alguma diferença no atendimento?

Para responder estes e outros questionamentos, procurei o meu colega de mestrado em Psicobiologia e médico veterinário, Joacil Germano. Em 2008, era comum encontrarmos psicólogos, biólogos e zootecnistas no programa de pós-graduação. Mas médicos veterinários eram raros, quando não apenas um. Naquela época, os veterinários não se preocupavam tanto com a parte do comportamento dos animais. Então, por que Joacil decidiu fazer seu mestrado nesta área?

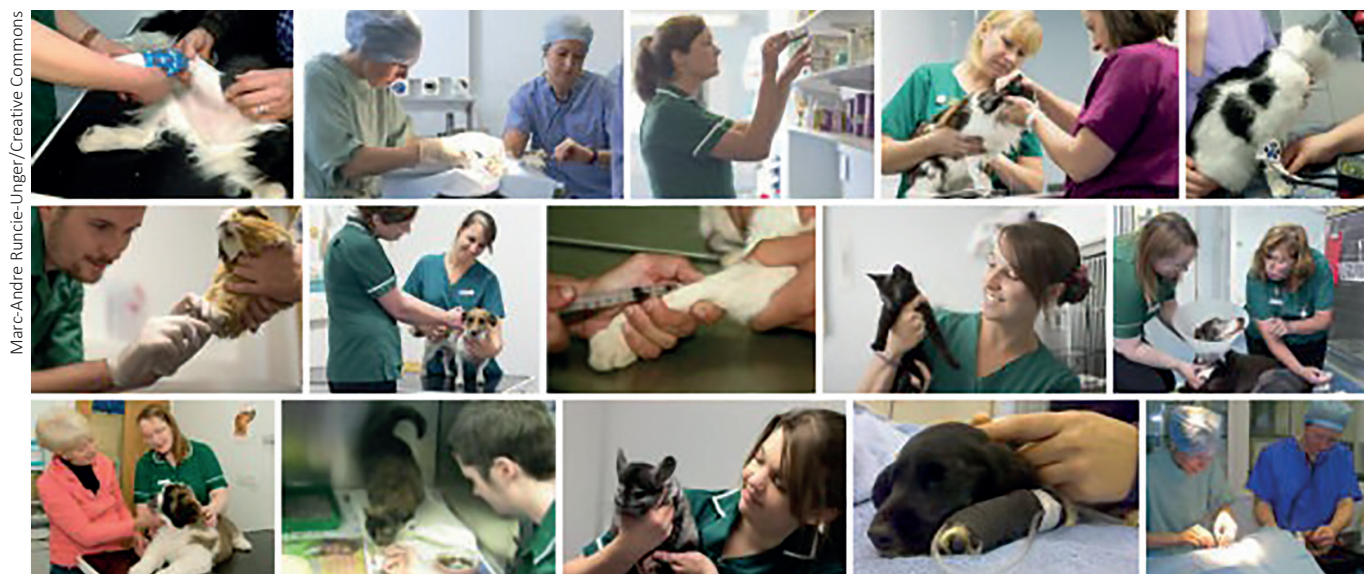
Ele disse que caiu de paraquedas. “Não imaginava o quão difícil e profundo era o estudo do comportamento animal. Pensei em desistir algumas vezes” confessa. Mas hoje, quase dez anos após sua primeira aula sobre etologia (estudo do comportamento), Joacil não se arrepende nem um pouco de ter insistido em uma área tão fundamental em sua profissão.

Além de fazer cirurgias, Joacil clínica com pequenos animais. “A forma de tratar os cães e gatos na consulta é outra. Antes de entender sobre estresse e manejo ambiental, eu

examinava o animal, prescrevia e finalizava a consulta. Hoje, deixo primeiro ele se ambientar, observo seu comportamento, enquanto faço a anamnese com o tutor. Só no final faço o exame” explica.

O veterinário conta que suas consultas são mais demoradas, pois além de observar o comportamento do animal, ele também instrui o tutor sobre mudanças a serem feitas na rotina do animal, a fim de obter melhor resultado no tratamento. Por ter um atendimento diferenciado, Joacil cobra um valor acima do praticado pela maioria de seus colegas. Se engana quem pensa que não há público. Apesar de uma vertente dos tutores buscarem por veterinários mais baratos, outros buscam por melhores atendimentos e estão dispostos a elevar o investimento.

Além de clinicar, Joacil é professor de cirurgia de pequenos animais na UNP (Universidade Potiguar) em Natal/RN. Mesmo não havendo no currículo a disciplina de comportamento animal, Joacil introduz conceitos básicos aos alunos. “É imprescindível que haja alguma noção de comportamento animal e etologia na formação dos novos veterinários. Só assim poderemos entregar profissionais mais completos ao mercado” afirma.



Marc-Andre Runcie-Unger/Creative Commons



Exatamente pensando nesta linha, a Dra. Cristiane Pizzutto, presidente da Comissão de Bem-estar Animal do CRMV-SP, está engajada em levar informação sobre comportamento, enriquecimento ambiental e bem-estar animal a todos os graduandos e graduados em medicina veterinária. Membro do International Environmental Enrichment Conference Committee, a Dra. Cristiane acredita que um profissional completo é aquele que consegue entender os sinais corporais demonstrados pelos animais, para obter um diagnóstico mais completo.

Segundo a veterinária, mesmo que muitas faculdades ainda não disponibilizem a disciplina de comportamento animal ou etologia, é importante que o profissional corra atrás das informações. “Seja em congressos, livros, publicações científicas ou cursos, é imprescindível o conhecimento básico do comportamento de cada espécie a ser tratada” aponta.

Apesar dos animais não falarem, eles se comunicam muito bem. Comunicação química, sonora e corporal são alguns exemplos. Se atento a um lambe de focinho, durante uma avaliação na clínica, o veterinário pode se precaver de possíveis mordidas e arranhões. Orelhas, rabo e pupila também são itens de importante observação, para entender melhor o que pode estar ocorrendo com o animal.

Não é apenas na clínica veterinária que esses sinais devem ser avaliados. “Para uma avaliação completa do caso,

é importante que o médico veterinário inclua na anamnese perguntas como o ambiente da casa e o comportamento dos tutores com o animal. A saúde é única: animal/humana/ambiental” elucida Dra. Cristiane.

Já são diversos os veterinários com pós-graduação em bem-estar e comportamento animal. Mas ainda é um número pequeno quando comparado a outras especialidades. “O Brasil ainda está engatinhando. Temos muito o que aprender e implementar nos cursos de graduação. Abrir o olhar do aluno para este foco comportamental é de extrema importância. Não apenas para quem quer seguir essa especialidade, mas para todos que irão atender animais, seja de pequeno, grande porte ou silvestre” elucida Dra. Cristiane.

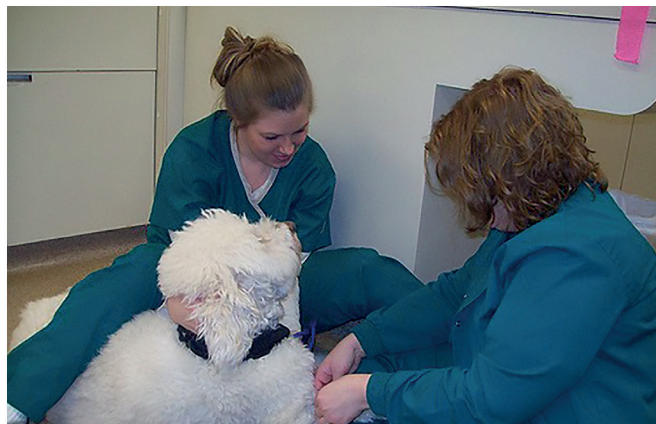
Pode parecer muita coisa para um único profissional estudar. Além de entender sobre patologia, anatomia, se atualizar sobre medicações e administrar uma clínica, o médico veterinário também precisa estar atento e estudar sobre o comportamento da espécie que atende. Mas tudo isso é para um diagnóstico mais preciso e um tratamento mais eficaz. Só assim, teremos tutores mais bem orientados e satisfeitos com o atendimento recebido.

### Comportamento aplicado à clínica

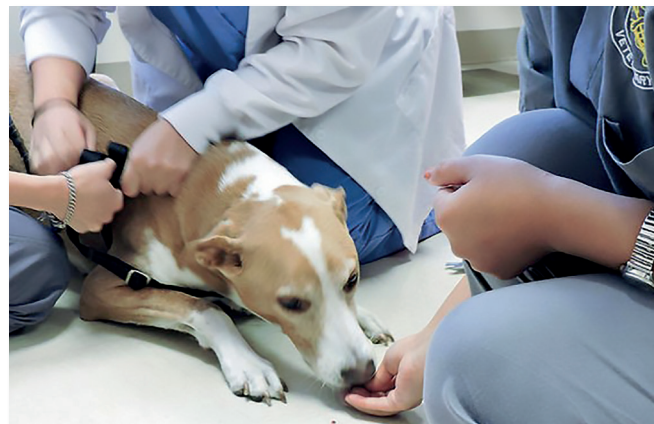
Há aquela máxima de que os animais não gostam de ir à clínica veterinária e não simpatizam com o veterinário. É um profissional que só entra em cena para aplicar vacinas e retirar sangue. Porém, há diversos manejos que podem ser aplicados na clínica, para que o animal perca o trauma do jaleco branco.

Deixar o cão solto na sala, cheirando tudo a sua volta, é uma forma dele compreender o ambiente e se sentir mais seguro. Neste momento, cabe um cafuné do veterinário ou até um petisquinho para ganhar a amizade.

Durante o exame, coloque sobre a mesa uma toalha trazida da casa do animal, para que ele reconheça o cheiro e se sinta mais confortável. Para mudar o foco dele, tenha no consultório brinquedos para colocar comida dentro. De tão entretido, talvez nem haja a necessidade de alguém segurá-lo para retirar sangue ou aplicar injeção.



Cão recebendo carinho enquanto coleta sangue. Olathe Animal Hospital in Olathe, KS



Cão atendido no local de maior segurança, enquanto ganha petisco. CityCollege, HWD.



Para gatos, o ideal é deixá-lo dentro da caixa de transporte, em um local elevado. Assim, ele terá uma visão mais ampla do que está ao seu redor. Para examinar, abra somente a parte superior da caixa e examine-o ali mesmo.

Ao final da consulta, ofereça um agrado para o animal. Mesmo que ele não aceite naquele momento, peça para que o tutor ofereça ao chegar em casa. Recompensar positivamente o bom comportamento do animal é fundamental para as próximas experiências continuarem sendo positivas.

Esses são apenas alguns exemplos de como o conhecimento do comportamento de cada espécie pode auxiliar na rotina da clínica, minimizando acidentes para profissionais e animais. “Na minha clínica, os tutores ficam felizes de verem que seus animais estão relaxados e confiantes. Alguns clientes me procuraram exatamente por eu ter um atendimento que visa o bem-estar do animal. O conhecimento do comportamento deles me trouxe mais clientes, que ao ficarem satisfeitos, retornam” experienciou Dr. Joacil.

### Brinquedos cognitivos

Se não bastasse tudo isso citado acima, agora há no mercado os brinquedos funcionais ou cognitivos. A indicação desses também deve partir do médico veterinário. Afinal, eles foram criados por um colega veterinário.

Dr. Dalton Ishikawa atendia como clínico geral, mas se encantava com a área do comportamento. Após participar de diversos cursos e grupos de estudos, fez uma viagem a Inglaterra, onde conheceu o conceito dos brinquedos cognitivos.

Ao retornar ao Brasil, tentou importar estes mesmos brinquedos. Ao constatar que os produtos chegariam a preços elevados ao consumidor, inviabilizando a compra, Dr. Dalton começou a fabricar seus próprios brinquedos.

Criada em 2011, a Pet Games visa aumentar o bem-estar dos animais através do Enriquecimento Ambiental (EA). “O colega pode diagnosticar e tratar uma dermatite psicogênica. Mas só será efetivo se o ambiente deste animal for rico em desafios e atividades” revela Dalton.

Segundo o veterinário, os maiores apoiadores do EA, os quais indicam seus produtos, são os terapeutas comportamentais e adestradores. “Ainda há uma certa dificuldade do médico veterinário compreender a importância do desafio cognitivo. Mas é compreensível. Na FMVZ-USP, onde me formei, não tive nenhuma referência de comportamento animal. Tive que buscar tudo fora da faculdade, para poder oferecer uma vida mais saudável aos animais” declara Dalton.

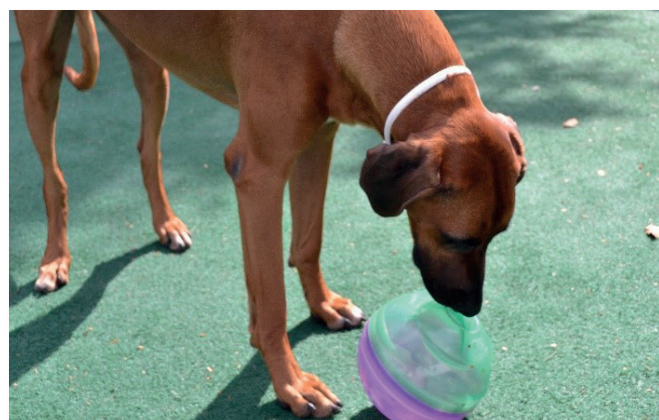
Antes coisa de vendedor de pet shop, agora também cabe ao médico veterinário prescrever brinquedos específicos, que auxiliarão no tratamento ou prevenção de certos problemas clínicos. Esses mesmos produtos, podem estar no consultório, ou mesmo na sala de espera, para entreter os clientes.

O funcionamento destes brinquedos é muito simples. Baseado no comportamento alimentar natural de cada espécie, o animal se vê desafiado a forragear, buscar seu próprio alimento. Por isso, evite indicar pote para a ração. O ideal é que os animais se alimentem como faziam há milhares de anos atrás, antes da domesticação.



Comedouro para cães e gatos.

Pet Game



Cão buscando ração na pet ball.

Pet Game

Além de gastar mais tempo na tarefa, os animais terão seus sentidos e cognição desafiados. É uma ótima alternativa para aqueles cães que se lambem em excesso, sem nenhum motivo aparente, ou mesmo para aqueles gatos obesos e preguiçosos. Isso sem falar em animais em confinamento, que apresentam comportamentos estereotipados, repetitivos ou que prejudicam a saúde. Basta alterar o manejo ambiental e inserir desafios, para alegria e bem-estar reinarem.

O conhecimento do comportamento animal vai muito além de entender se ele é social e vive em grupo, ou se é individualista e passa a vida solitário. Compreender o comportamento é garantir o bem-estar e a forma mais plena de vida, garantindo baixos índices de cortisol e altos níveis de serotonina. ■

#### Sobre a autora

Luiza Cervenka de Assis  
(11) 97664-9990  
www.luizacervenka.com.br

Bióloga, mestre em comportamento animal e especialista em jornalismo.

